

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

REDES DE APOIO SOCIAL E AFETIVO DE UMA FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE RISCO: UM ESTUDO DE CASO¹
SOCIAL AND AFFECTIVE SUPPORT NETWORKS OF A FAMILY AT RISK: A CASE STUDY

Jéssica Hoffmann Didoné², Samara Silva Dos Santos³

¹ Estudo vinculado a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Possui formação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, jessicahdidone@gmail.com.

³ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria

INTRODUÇÃO

A família é uma organização que tem se transformado ao decorrer da história, de modo com que não possa ser considerada natural e imutável, uma vez que as condições culturais, históricas e sociais determinam a forma com que essa se organiza para cumprir sua função social. No que refere aos estudos atuais, a família constitui-se como o primeiro grupo de mediação entre o indivíduo e a sociedade, transmitindo os valores ideológicos e a cultura que influenciará as experiências futuras dos membros (COSTA; PENSO; CONCEIÇÃO, 2014).

Nesse sentido, profissionais de diversas áreas estão, cada vez mais, considerando a importância dos laços construídos em ambiente familiar e no fortalecimento das potencialidades destes grupos. Entretanto, ao pensar nas intervenções realizadas com esse público, percebe-se que o grupo familiar nuclear e idealizado ocupa ainda o lugar do “modelo correto” de ser família (SILVA et al., 2012). Assim, famílias com configurações que não correspondem a esse padrão tendem a ser estigmatizadas como “desestruturadas” e “negligentes”, dificultando para que os cuidados necessários cheguem a elas e desconsiderando todos os seus possíveis mecanismos de enfrentamento (COSTA; PENSO; CONCEIÇÃO, 2014).

A partir disso, ao considerar os processos familiares e as suas vulnerabilidades, é importante pensar no conceito de rede de apoio social e afetivo, definida por Brito e Koller (1999) como um “conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” (p. 115). As redes de apoio são entendidas como determinantes para o desenvolvimento, uma vez que a qualidade das relações melhora a capacidade de adaptação das pessoas ao seu ambiente, além de aumentar o senso de pertencimento. São compostas por relações sociais significativas que são constantes em um determinado período de tempo e, considerando isso, a primeira rede de apoio do indivíduo tende a ser a família, mas ao longo do desenvolvimento as variadas esferas da vida podem oferecer relações de apoio e proteção, como o grupo de pares, parceiros comunitários e colegas de profissão, por exemplo (BRITO; KOLLER, 1999).

Dessa forma, o presente trabalho tem o objetivo de compreender como as redes de apoio influenciaram no trajeto de uma família em situação de risco, por meio de um estudo de caso

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

realizado em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

Este estudo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) já finalizado intitulado “O processo de resiliência em uma família atendida pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)”. A pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso (YIN, 2001) norteado por pressupostos qualitativos. O CREAS é a unidade responsável por oferecer os serviços de proteção e atendimento especializado a famílias e indivíduos (PAEFI), órgão que faz parte da Proteção Social Especial de Média Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e acompanha grupos familiares que vivenciaram situação de ameaça ou violação direitos (BRASIL, 2014).

A pesquisa teve como instrumentos o prontuário familiar do CREAS e a realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes do estudo. A pesquisa documental possibilitou a partir do prontuário da família reunir informações sociodemográficas a respeito de seus membros, contendo idade, estado civil, escolaridade, ocupação e renda, assim como dados relativos ao contexto familiar e o vínculo com o serviços.

Para a realização da mesma, foram seguidos os preceitos éticos e as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes e transcritas na íntegra, respeitando o sigilo dos participantes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria sob registro CAAE nº 70643417.1.0000.5346.

Os participantes da coleta de dados foram três membros de uma família que estava em atendimento no CREAS e os nomes dos participantes foram alterados para preservar o sigilo dos mesmos. Desse modo, os participantes foram Regina (43 anos), Giovana (6 anos) e Lucas (4 anos). As entrevistas ocorreram nas dependências do CREAS, de forma individual com cada membro da família com duração média de quarenta minutos. O roteiro das entrevistas semiestruturadas possuíam tópicos-guia que focaram nas relações familiares dos participantes entrevistados. A análise das informações ocorreram a partir da triangulação dos dados coletados pelos instrumentos utilizados, uma vez que a pesquisa utiliza mais de uma fonte de evidência, e analisados por meio da análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram alocados em três categorias, sendo que a primeira caracteriza a história da família participante da pesquisa e as categorias seguintes discutem, respectivamente, a família ampliada e o serviços socioassistenciais como redes de apoio.

(a) Caracterização da história familiar

A família participante do estudo de caso foi encaminhada para o CREAS a partir do Conselho Tutelar, por razão de que a tia-avó Regina suspeita que as crianças, Giovana e Lucas, que atualmente estão sob sua tutela, tenham sofrido algum tipo de violência enquanto estavam sob a guarda da mãe Helena, sobrinha de Regina.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Regina tem 43 anos, tem três irmãs e estudou até a sétima série. Ela e seu companheiro João trabalham em um ponto de telemoto-táxi, no qual apenas trabalha sua família, incluindo seus filhos Roberto de 28 anos e Mário, 23 anos. Atualmente, Regina reside com seu companheiro, os filhos Roberto e Mário, a namorada de Mário e as crianças, Giovana e Lucas. Para uma melhor compreensão do caso, pontua-se que Helena morava com seus filhos e a namorada na cidade X, mesma cidade em que reside Antônia, mãe de Helena e irmã de Regina. A única informação a respeito do pai das crianças é que não há contato entre eles e nenhum tipo de auxílio.

Regina relata que, em dezembro de 2016, concordou informalmente em ter responsabilidade, juntamente com sua família, dos cuidados de Giovana e Lucas para que Helena se estabelecesse financeiramente. Já em fevereiro de 2017, Giovana passa por uma operação das amígdalas e do nariz, a qual o médico aceita realizar mesmo sem a família ter a guarda da menina. No mês de março Giovana teve que retornar ao médico, para fins de avaliar o andamento de sua recuperação. Helena retorna à cidade para acompanhar a filha na consulta. No dia seguinte, Helena leva seus filhos para passear, entretanto, após isso, liga para Regina e comunica que não iria trazê-los de volta.

Antônia, a avó das crianças, informa que as estas estavam morando dentro de um bar da cidade X. Segundo Regina, a situação deixou toda sua família “com o coração na mão” (sic). Em vista disso, houve uma tentativa de contato com o conselho tutelar que não foi efetiva, de modo que apenas foi possível retirar as crianças da situação de risco com o auxílio da Promotoria da Infância e Juventude. Até o momento da entrevista, Regina relata que família se mantinha com o termo de responsabilidade e que estaria entrando com o processo de guarda. Após isso, as crianças apresentaram alguns sintomas, como, por exemplo, Lucas ter “medo” de ir ao banheiro e Giovana ir com muita frequência ao mesmo, relatando dor.

(b) Família Ampliada

A família extensa ou ampliada é considerada por Walsh (2005) como fornecedora de conexão comunitária vital, sendo assim entendida como fator essencial nos processos organizacionais das famílias. Diante disso, a falta de apoio social contribui para a disfunção em situações de estresse (DINIZ; KOLLER, 2010). Pontua-se que esse elemento foi de vasta importância para os participantes do estudo, uma vez que a configuração atual da família não é apenas nuclear.

Segundo o relato de Regina, percebe-se que Helena não oferecia as condições necessárias para que as crianças Giovana e Lucas fossem protegidas de situações de risco e se desenvolvessem de modo adequado e com segurança. Yunes et al (2001) ressalta que a ajuda em casos de monoparentalidade é crucial, uma vez que essa situação pode se configurar como uma dificuldade que tende a sobrecarregar, na grande maioria dos casos, a figura feminina e de baixa renda. Em vista disso, o apoio social e afetivo que a família ampliada disponibiliza para o auxílio de Helena foi essencial para que houvesse melhores possibilidades para o resguardo das crianças:

“[...] mas daí ela pegou e deixou as crianças e me disse ‘não, vou deixar eles aí, pra ficar as férias do colégio’. Aí depois passou um mês e ela me ligou e disse ‘não tia, tô passando por uns problemas, daí não vou poder ficar com as crianças, tu pode ficar com elas pra mim até eu me estabelecer’, daí eu ‘tá, não tem problema nenhum.’” (Regina)

Nesse sentido, Amazonas et al (2003) utilizam do termo solidariedade para definir uma lógica

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

familiar caracterizada pela flutuação na execução dos papéis familiares, uma vez que a família extensa desenvolve estratégias de sobrevivência para qualificar o cuidado e as necessidades - tanto financeiras como emocionais - dos membros, considerando principalmente as crianças. Além disso, o relacionamento de Helena com sua família ampliada é considerado protetivo, uma vez que laços sociais duradouros são significativos pois podem oferecer ajuda quando há adversidades, contribuindo para o enfrentamento dessas situações, uma vez que a necessidade de apoio social tende a variar durante as fases da vida (BRITO; KOLLER, 1999; JULIANO; YUNES, 2014). Entretanto, nesse caso, apenas a rede de apoio familiar não foi suficiente para que as crianças não entrassem em contato com fatores de risco.

(c) Serviços socioassistenciais

De acordo com Ungar, Gazhinour e Richter (2013), no momento em que uma criança é exposta a adversidades, ela irá necessitar mais da qualidade do ambiente e dos recursos que esse disponibiliza do que das suas características individuais para que se consiga lidar com a realidade de forma resiliente. Nesse sentido, entende-se que o ambiente pode promover ou dificultar as possibilidades de uma família apresentar padrões de comportamentos protetivos.

No caso estudado, Regina e sua família tiveram que passar por vários serviços para que conseguissem uma intervenção efetiva para a situação de risco, o que revela uma rede pouco articulada em que a intersetorialidade se mostra insatisfatória. Assim, é necessário que os equipamentos sociais reconheçam suas funções e as dos outros serviços relacionados a proteção, uma vez que seja possível realizar encaminhamentos eficazes para que não potencializem uma revitimização da população atendida.

"A gente teve que procurar a assistência e tudo, pra trazer as crianças de volta. Aí depois minha irmã me ligou avisando que as crianças estavam dentro de um bar, né, aí complicou mais que ela não conseguia tirar e chamou o conselho de lá. O conselho de lá foi negligente, não ajudou, chamou a brigada e também foram negligente, não ajudaram. Aí a gente procurou os 'promotor', que foi como a gente conseguiu resolver a situação das crianças." (Regina)

Apesar disso, quando questionada sobre os auxílios que a família recebeu, Regina aponta que o Conselho Tutelar da cidade que atualmente reside foi protetivo e resolutivo.

"Aqui fui muito bem atendida. Olha, ela me ajudou... Cem por cento. Se não fosse a conselheira, eu não sei o que teria acontecido com as crianças. Porque dos outros, todos que eu procurei, tudo foi mal atendido (sic)." (Regina)

Pode-se citar o Conselho Tutelar como um serviço que interfere diretamente no microsistema familiar e faz conexão com outros sistemas, acompanhando e atendendo as famílias, além de articular os encaminhamentos para que crianças e adolescentes tenham outros recursos disponíveis de acordo com suas necessidades (FRIZZO, SARRIERA, 2005). Assim, ressalta-se a dimensão do trabalho atribuído ao conselho tutelar, assim como a complexidade das situações em que esse atua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, compreende-se que as redes de apoio mais relevantes para o funcionamento atual da família participante do estudo foram a família ampliada e os serviços socioassistenciais. A família

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

ampliada se mostrou como um fator protetivo, considerando que Helena não tinha os recursos necessários para o cuidado satisfatório de seus filhos, de modo que foi necessário que Regina e João assumissem a responsabilidade por eles. Além disso, torna-se essencial refletir sobre a importância dos serviços do Sistema de Garantia de Direitos, visto que são locais que possuem grande influência na proteção de famílias, principalmente quando há situações de adversidades. Percebeu-se que, no presente estudo, os serviços socioassistenciais exerceram papel protetivo em algumas circunstâncias, mas que, ainda assim, há a presença de falhas na rede de proteção.

Palavras-chaves: CREAS; assistência social; relações familiares. **Keywords:** CREAS, social assistance; family relationships.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, M. C. L. A. et al. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 8, n. spe, p. 11-20, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. *Tipificação dos Serviços Socioassistenciais*. Brasília, 2014.
- BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- COSTA, L. F.; PENSO, M. A.; CONCEIÇÃO, M. I. G. (Orgs). *Abordagem à família no contexto do Conselho Tutelar*. São Paulo: Ágora, 2014.,
- DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 36, p. 65-76, 2010.
- FRIZZO, K. R.; SARRIERA, J. C. O Conselho Tutelar e a rede social na infância. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 175-196, 2005.
- JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v.17, n.3, p. 135-154, set. 2014.
- SILVA, M. L. et al. Da normatização a compreensão: caminhos construídos para a intervenção familiar. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, v. 20, n. 1-2, p. 13-21, jan.dez./2012.
- UNGAR, M.; GAZHINOUR, M.; RICHTER, J. Annual Research Review: What is resilience within the social ecology of human development?. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 54, n. 4, p. 348-366, 2013.
- WALSH, F. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Editora Rocca, 2005.
- YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001
- YUNES, M. A. M. et al. Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 21, p. 47-56, 2001.